



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU **Educação de Surdos: uma perspectiva** **bilíngue em construção**

Projeto do curso e Ementário

Rio de Janeiro, RJ
INES-DESU
1ª versão 2012
(revisão 2017)

GOVERNO DO BRASIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
José Mendonça Bezerra Filho

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO- SECADI
Ivana de Siqueira

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti

DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
Tanya Amara Felipe

COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
Luiz Alexandre da Silva Rosado

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES
Rio de Janeiro - Brasil

REVISÃO 2016-2017

Comissão da Pós-graduação Lato sensu

Wilma Favorito
José Renato Baptista
Marcia Regina Gomes
Ana Regina Campello
Caio Neves

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. O CURSO EDUCAÇÃO DE SURDOS: uma perspectiva bilíngue em construção.....	9
OBJETIVOS DO CURSO	9
PÚBLICO-ALVO	9
PERFIL DO EGRESSO	9
MODALIDADE:.....	10
DURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA:.....	10
NÚMERO DE VAGAS:.....	10
FORMAS DE INGRESSO:.....	10
CRITÉRIOS DE APROVAÇÃO:.....	11
3. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES	12
4. QUADRO DAS DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO	13
5. EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA.....	14

1. INTRODUÇÃO

O trabalho docente se caracteriza na atualidade por um grau de complexidade cada vez maior. Novas demandas sociais, políticas, tecnológicas, novos objetos de ensino e pesquisa e a própria natureza múltipla das formas de interação humana no contexto contemporâneo tornam o trabalho cotidiano dos professores um desafio constante à criatividade e à capacidade de renovação dos educadores de hoje. Se, entretanto, tais docentes dedicam-se à educação daqueles grupos sociais adjetivados de *minoritários* e/ou de pessoas consideradas em quaisquer espécies de risco social, o desafio acima aludido reveste-se de um grau de densidade ainda maior. A questão parece ser: como educar para uma desejada igualdade política e econômica sem impor igualitarismos artificiais que apaguem diferenças profundas que, muitas vezes, implicam em necessidades e expectativas muito diversas? Como educar para a igualdade de oportunidades sem homogeneizar, colonizar e/ou essencializar diferenças?

A resposta a essas e outras indagações, próprias do exercício docente diário, não surgem nem surgirão assim tão facilmente. São, entretanto, as perguntas e desafios que nos movem, a nós, educadores, eternos estudantes.

No campo específico da educação de surdos, sem dúvida, os avanços e as conquistas recentes foram muitos, mas os desafios são ainda maiores. Logrou-se, por exemplo, a criação de Políticas Públicas específicas para surdos e o reconhecimento público e estatal da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com a criação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que torna obrigatório para os surdos o ensino de LIBRAS desde a educação infantil. Conseguiu-se, ainda, um incremento do acesso das pessoas surdas ou de interessados em estudar temas relacionados com a surdez à educação superior, no nível de graduação, graças às iniciativas como o curso à distância de Licenciatura em Letras-LIBRAS, oferecido pela UFSC, já com um

número significativo de egressos, e o Curso Bilíngue de Pedagogia, oferecido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Entretanto, apesar dos avanços (ou por causa deles) os desafios são muitos. As leis referentes à Língua Brasileira de Sinais, para serem implementadas de fato, precisam de um correspondente preparo de profissionais de educação capazes de aprender e educar em LIBRAS. Precisa, ainda, da correspondente produção e oferta de material didático produzido em língua de sinais. Para que as conquistas legais dos cidadãos surdos sejam consolidadas e se tornem, de fato, direitos obtidos, as demandas relativas à difusão da LIBRAS entre os profissionais da educação precisam ser enfrentadas pelo sistema de educação brasileiro, especialmente, pelo sistema público de ensino. No ensino superior é preciso enfrentar, dentre outros, desafios referentes ao desenvolvimento de um vocabulário acadêmico em LIBRAS e, como forma de preservar a autonomia discursiva e crítica do leitor surdo e/ou do usuário da língua de sinais, precisa ser acompanhada da preparação de versões dos textos acadêmicos.

Outro grande desafio está relacionado com a chamada "*inclusão*". De modo geral, os profissionais de educação brasileiros (já, de resto, tão sobrecarregados e imersos em um modelo educacional ainda precário, apesar dos muitos esforços em direção da melhoria que temos tentando realizar) se sentem despreparados para receberem adequadamente alunos com as mais variadas necessidades especiais. A *inclusão*, para ser realmente uma conquista em termos de igualdade de oportunidades, não pode ser apenas uma forma de desonerar o Estado de suas responsabilidades para com aqueles cidadãos que têm necessidades educacionais específicas. O fato de se estar fisicamente em determinado lugar não significa que se está *incluído*.

Com relação às populações surdas, para que haja, de fato, *inclusão*, não se pode deixar de reconhecer as especificidades linguísticas envolvidas na questão. Os direitos linguísticos obtidos tão duramente não podem estar em contradição com as políticas inclusivas.

As crianças surdas, em sua grande maioria nascidas em famílias ouvintes, chegam geralmente à escola sem uma língua constituída. As formas de linguagem instituídas no processo de interação familiar não são suficientes para garantir seu desempenho linguístico no ambiente escolar, ficando com a escola a missão de prover meios que garantam à criança surda a aquisição de língua. Quando falamos de crianças surdas muito pequenas, até mesmo para aprender o português em sua modalidade escrita, elas precisam ter adquirido alguma linguagem capaz de promover seu desenvolvimento cognitivo.

Uma das características específicas da surdez é, sem dúvida, a ausência de uma língua por meio da qual o indivíduo surdo possa se desenvolver cognitivamente de maneira plena e edificar seu conhecimento. Trata-se, portanto, de um processo de inclusão bem diverso, por exemplo, daquele referente às pessoas cegas ou com necessidades motoras especiais. O surdo pode não apreender o que é ensinado no currículo escolar, simplesmente, por um obstáculo linguístico e cognitivo: além de não ouvir, as pessoas surdas têm uma tendência a ter acesso ao mundo pela visão. Tal aspecto, de natureza cultural, deve ser considerado.

Para que as crianças surdas sejam, de fato, *incluídas*, é preciso que elas se apropriem da língua utilizada na escola e se sintam culturalmente acolhidas e ambientadas. Só há duas opções: ou ele tenta, de algum modo, fazer uso do português falado na escola ou os profissionais de educação precisam educar em LIBRAS e desenvolver estratégias viso-espaciais de ensino/aprendizagem.

A possibilidade de escolaridade na Língua de Sinais está contemplada no Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta o seu uso. *Incluir* a criança surda em um ambiente escolar onde não circule a Língua de Sinais pode ser visto, na prática, como uma coerção em direção ao implante ou a outros meios de apagar, compulsoriamente, diferenças e especificidades. O Estado precisa prover meios de garantir o direito à liberdade de opção tanto de pessoas que desejem ser educadas exclusivamente em português quanto daquelas que precisam ser educadas segundo um modelo bilíngue de educação.

Seja para responder pela inclusão de alunos surdos nas escolas brasileiras inclusivas, seja para trabalhar em qualquer função pedagógica nas escolas ou classes especiais para surdas, profissionais capacitados para tais missões precisam ser formados. A insuficiência na formação de profissionais aptos a ir além da mera alfabetização – possibilitando a construção da leitura e da escrita como práticas discursivas a serem realimentadas permanentemente, ao longo de todas as etapas educacionais pelas quais passarem os estudantes surdos – não pode continuar ocorrendo e se tornar uma forma de, na prática, negar o acesso de surdos à educação de qualidade, seja na escola inclusiva ou em classes especiais.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, centro de referência nacional na área da surdez, instituição com mais de cento e cinquenta anos de atuação no cenário da educação nacional, objetiva precipuamente a disseminação do conhecimento sobre a área da surdez em todo o território nacional, a qualificação da pessoa surda para inserção no mercado de trabalho, dentre outras atividades, oferecendo ensino e atendimento especializados, desde a Educação Infantil ao Ensino Superior.

O Departamento de Ensino Superior - DESU promove o Curso Bilíngue de Pedagogia. A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - constitui a própria língua de instrução do Curso, enquanto a Língua Portuguesa consta como disciplina obrigatória apenas em sua modalidade escrita.

Assim, como um desdobramento quase natural da atuação do INES no campo da Educação de surdos e de seu curso de ensino superior, estamos oferecendo aos profissionais de educação e demais interessados na educação de surdos este curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em **Educação de Surdos: uma perspectiva bilíngue em construção**. Nossas experiências na graduação, em atividades extensivas, nossos contatos com profissionais da educação de dentro e de fora do INES, nossas experiências na realização de cursos de pós-graduação realizados em convênio com outras instituições, enfim, as demandas educacionais com as quais nos defrontamos em nossas atividades diárias nos

mostram que há uma gama significativa de profissionais de educação, nos mais variados níveis de ensino, surdos e ouvintes, que lidam diretamente com educandos surdos e que não se conformam em ver tais alunos *excluídos* do processo de ensino/aprendizagem porque a estrutura física e pedagógica da escola, a gestão escolar e os profissionais de educação não estão sendo devidamente preparados para compreender e lidar com alunos com necessidades educativas especiais.

Muitos desses profissionais não têm mais tempo ou interesse de cursar nova graduação, têm conhecimentos, muitas vezes, vastos e suficientes em seu *métier* específico, desejam, apenas, a oportunidade de terem uma formação complementar para atuar com mais segurança na área de educação de surdos.

No intuito de atender tais profissionais é que oferecemos este curso de Pós-Graduação Lato Sensu em **Educação de Surdos: uma perspectiva bilíngue em construção**. Buscamos qualificar profissionais de educação e de áreas afins para atuarem em qualquer função pedagógica que envolva a educação de surdos, seja em escolas inclusivas ou em escolas especiais para surdos.

2. O CURSO EDUCAÇÃO DE SURDOS: uma perspectiva bilíngue em construção

OBJETIVOS DO CURSO

- Preparar professores licenciados nas diferentes áreas do conhecimento e militando em diferentes níveis de ensino, profissionais de educação e áreas afins para trabalharem com alunos surdos numa perspectiva bilíngue de educação.
- Propiciar condições de especialização do professor licenciado e demais profissionais afins para atuar na educação de alunos surdos.
- Contribuir para a ampliação de conhecimento na área da surdez por meio da pesquisa e da troca entre diferentes experiências e práticas educacionais.

PÚBLICO-ALVO

Graduados em Pedagogia ou em qualquer área da Educação, Licenciaturas, Psicologia, Fonoaudiologia, Assistência Social, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem, Comunicação, Biblioteconomia e outras áreas afins.

PERFIL DO EGRESSO

O profissional habilitado pelo curso de especialização **EDUCAÇÃO DE SURDOS: uma perspectiva bilíngue em construção** será habilitado para atuar em funções que envolvam a educação de surdos. Será capacitado, ainda, para: avaliar a formulação e implementação de práticas pedagógicas voltadas para surdos em articulação com as políticas públicas na área da surdez; contribuir para o avanço científico da área; oportunizar reflexões sobre bilinguismo,

letramento e surdez; prevenir dificuldades e melhorar o desempenho dos aprendizes surdos nas atividades educacionais em espaços formais e não formais, dos mais variados níveis, aumentando suas potencialidades de aprendizagem.

MODALIDADE

O Curso é presencial e será realizado nas dependências físicas do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

DURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA

O Curso tem duração de 400 horas, distribuídas em 18 meses. Os encontros serão realizados aos sábados de 8:00 às 12:00 e de 13:00 às 17:00.

NÚMERO DE VAGAS

Serão oferecidas 40 vagas, sendo 50% das vagas garantidas para candidatos surdos e outras 50% para candidatos não surdos.

FORMAS DE INGRESSO

O processo seletivo para ingresso no Curso de Pós-graduação **Educação de Surdos: uma perspectiva bilíngue em construção** será composto de duas etapas:

1. Análise dos seguintes documentos: diploma ou certificado de conclusão de curso superior nas áreas definidas no item público-alvo; histórico escolar e texto com no máximo 1 (uma) lauda justificando o interesse pelo curso.
2. Entrevista realizada perante uma banca examinadora.

CRITÉRIOS DE APROVAÇÃO

1. Assiduidade: O aluno deverá alcançar o mínimo de frequência igual a 75% (setenta e cinco por cento) das aulas previstas.
2. O aluno deverá alcançar média igual ou maior que 7,0 (sete) em cada disciplina.
3. Apresentação de um Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico. Este será avaliado por 2 (dois) pareceristas que atribuirão uma nota, sendo um deles o do orientador do artigo , cuja media final deverá ser igual ou maior que 7,0 (sete) para aprovação.

3. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES

CORPO DOCENTE	TITULAÇÃO
CLAUDIA PIMENTEL	DOUTORA
JOSÉ RENATO BAPTISTA	DOUTOR
LUIZ ALEXANDRE DA SILVA ROSADO	DOUTOR
MARCIA REGINA GOMES	MESTRE
MARIA INÊS AZEVEDO	DOUTORA
MÔNICA A. DE CARVALHO CAMPELLO	ESPECIALISTA
PAULA REZENDE NUNES	MESTRE
SOLANGE MARIA DA ROCHA	DOUTORA
TANYA MARA FELIPE	DOUTORA
VALÉRIA CAMPOS MUNIZ	DOUTORA
WILMA FAVORITO	DOUTORA

4. QUADRO DAS DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	PROFESSORES
1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS.	56 hs	Solange Rocha
2. ASPECTOS GRAMATICAIS E METODOLÓGICOS PARA O ENSINO DA LIBRAS COMO L1	48 hs	Tanya Amara
3 ASPECTOS CLÍNICOS DA SURDEZ E AQUISIÇÃO DE LINGUA ORAL PARA SURDOS	24 hs	Monica Campelo e Paula Resende
4. SURDEZ E OUTRAS IMPLICAÇÕES SENSORIAIS, MOTORAS E COGNITIVAS.	12 hs	Marcia Gomes
5. EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS	52 hs	Wilma Favorito
6. ENSINO DE LP COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS.	48 hs	Maria Inês Azevedo e Valéria Campos Muniz
7. MÍDIAS E EDUCAÇÃO DE SURDOS	28 hs	Alexandre Rosado
8. ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	40 hs	José Renato Baptista
9. METODOLOGIA E PESQUISA CIENTÍFICA	40 hs	José Renato Baptista
10. SEMINÁRIOS DIDÁTICOS: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS	52 hs	Claudia Pimentel
TOTAL DE CARGA HORÁRIA	400 HS	

5. EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA

1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga horária: 56 hs

Ementa: Aproximações entre a História da Educação Geral e a História da Educação de Surdos. Conhecer, através do estudo de fontes documentais, o debate acerca da educação de surdos praticado pelos Institutos de Surdos, nos séculos XVIII, XIX e XX. Análise crítica da produção bibliográfica referente à história da Educação de Surdos. Políticas Públicas Educacionais para sujeitos surdos na atualidade.

Conteúdo programático:

1. História

1.1. Possibilidades e limites da pesquisa histórica.

1.2. História da Educação Geral e História da Educação de Surdos: aproximações.

2. Percursos Históricos

2.1 Registros de temas referentes à Educação de Surdos em diversos pensadores.

2.2 Os pioneiros da educação de surdos na Europa Moderna.

2.3 O debate educacional travado nos Institutos nos séculos XVIII, XIX e XX.

2.4 O Império brasileiro e a criação de uma Escola para Surdos.

2.5 Os Congressos de Educação de Surdos.

2.6 Narrativas na perspectiva histórica da educação de surdos: revisão bibliográfica.

3. Educação de Surdos no Brasil nos séculos XX e XXI

3.1 Uma linguagem e um ofício: as primeiras décadas no Instituto.

3.2 Anos cinquenta: a expansão do ensino ao surdo no Brasil.

3.3 Anos oitenta: a mudança de paradigma: Mímica / Língua de Sinais.

3.4 A luta pelo reconhecimento da Língua de Sinais.

3.5 O documento de Porto Alegre/1999 – A Educação que nós Surdos Queremos.

3.6 O reconhecimento legal - Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

3.7 Tensões no Campo: as políticas de inclusão e a luta pela Escola Bilíngue.

3.8 O papel do Instituto Nacional de Educação de Surdos no debate nacional.

Bibliografia

BANKS-LEITE, Luci; SOUZA, Regina. (2002). O des (encontro) entre Itard e Victor: os fundamentos de uma educação especial. In: BANKS-LEITE, Luci; GALVÃO, Isabel (orgs.). A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard. São Paulo: Cortez.

BASTOS, Maria Helena Câmara. (1999). A formação de professores para o ensino mútuo no Brasil: o Curso normal para professores de primeiras letras do barão de Gerando (1839). In BASTOS, Maria Helena C. e FARIA FILHO, Luciano M.(orgs.) A Escola Elementar no Século XIX. Passo Fundo: Ediupf.

BINZER, Ina Von. (1994). Os meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BLOCH, Marc. (2002). Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar.

BRANDÃO, Zaia; MENDONÇA, Ana Waleska. (1997). Por que não lemos Anísio Teixeira? Rio de Janeiro: Ravil.

BURK, Peter. (1990). A escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP.

CAMBI, Franco. (1999). História da Pedagogia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

COUTO-LENZI, Álpia. (2004). Cinquenta Anos: uma parte da história da educação de surdos. Associação Internacional "Guy Perdoncini" para o estudo e a pesquisa da deficiência auditiva. Rio de Janeiro: AIPEDA.

DIDEROT, Denis. (1993). Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam. São Paulo: Nova Alexandria.

DUBY, Georges. (1993). A História continua. Rio de Janeiro: Zahar.

GINZBURG, Carlos. (1987). O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras.

GÓES, M.C.R. (1996). Linguagem, surdez e educação. Campinas: Autores Associados/Unicamp.

HALBWACHS, Maurice. (2006). A memória coletiva. São Paulo: Centauro.

- LANE, Harlan. (1992). *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LE GOFF, Jacques. (2003). *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp.
- LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M., VEIGA, C.G. (Orgs.). (2003). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.
- LOPES, Sonia Castro. (2006). *Ofício de Mestres: história, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1931-1939)*. Rio de Janeiro: DP&A; FAPERJ.
- MIGNOT, A.C.V.; CUNHA, M.T.S. (Orgs.). (2003). *Práticas da Memória Docente*. São Paulo: Editora Cortez.
- MENDONÇA, Ana Waleska P.C. (2002). *Anísio Teixeira e a Universidade de Educação*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- MENDONÇA, Ana Waleska et alii. (2006). Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos 1950/1960. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, n.31, jan./abr. p. 96-113.
- MENDONÇA, Ana Waleska e XAVIER, Libânia Nacif. (2006). O INEP no contexto das políticas do MEC nos anos 1950/1960. *Revista Contemporânea de Educação*. Publicação on line do Programa da Pós-graduação em Educação da UFRJ, n.1.
- ROCHA, S. M. (2007). *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. Rio de Janeiro: MEC/INES.
- _____. (2010). *Memória e História: a indagação de Esmeralda*. Petrópolis: Arara Azul.

Fontes Documentais:

- Atas do Congresso de Milão, 1880. (2011). *Série Histórica do INES. Volume 2*. Rio de Janeiro.
- Atas do Congresso de Paris, 1900. (2013). *Série Histórica do INES. Volume 5*. Rio de Janeiro.
- Revista EPHPHATHA. (1914). *Associação Brasileira de Surdos Mudos. Volume 1*. Rio de Janeiro.

Site:

<http://brazil.crl.edu>

Documentário:

O Mundo Sem Som. (1957). Direção: Aluizio T. Carvalho. Acervo INES.

2. ASPECTOS GRAMATICAIS E METODOLÓGICOS PARA O ENSINO DA LIBRAS COMO L1

Carga horária: 48 hs

Ementa - Introdução à gramática da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Sistema de transcrição para a Libras. Fonologia e Morfologia da Libras. Processo de Formação de palavras na Libras. Aspectos sintático-discursivos da Libras: Flexão verbal na Libras. Os Classificadores na Libras: morfemas verbais, nominais e meronímias. Ensino-aprendizagem de Libras como L1.

Conteúdo programático:

1. Os universais linguísticos e as línguas de sinais;
2. Introdução à gramática da Libras:
 - 2.1. Fonologia da Libras;
 - 2.2. Morfologia da Libras:
 - 2.2.1. As classes gramaticais na Libras;
 - 2.2.2. Tipos de verbo e concordância verbal;
 - 2.2.3. Processos de formação de palavras na Libras ;
3. Análise do discurso:
 - 3.1. O discurso verbo-visual na Libras;
 - 3.2. Os classificadores como anáforas.
4. Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas .
5. Materiais didáticos existentes sobre ensino de Português como L1.
6. Ensino-Aprendizagem da Libras como L1 na Educação Básica – 1º Ciclo.

Avaliação: Resenha de um dos textos indicados na Bibliografia e Trabalho em Equipe.

Bibliografia

FELIPE, T. A. Bilinguismo e Surdez. *Trabalhos em Linguística Aplicada.* , v.14, p.101 - 111, 1989. - disponível em

<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/3696> (texto 1)

_____. Introdução à Gramática da LIBRAS. In: MEC/SEESP. (Org.). *Educação Especial - Língua Brasileira - Série Atualidades Pedagógicas 4.* 3ª ed. Brasília, 2000, v. III, p. 81-123. (Texto 2) - pasta anexa

_____. Banco de dados para as línguas de sinais e seus sistemas de transcrição.

In: BAALBAKI, A.; CALDAS, B. (orgs.). *Instrumentos linguísticos: usos e atualizações.* Araruama: Editora Carolina, 2014, p. 155 - 188. (Texto 3)

_____ Os Processos de Formação de Palavra da Libras. In *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.199-216, jun. 2006

<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1642> (Texto 4)

----- Os Classificadores enquanto Marcadores de Flexão de Gênero. *Anais do I Congresso Internacional do INES VI Seminário Nacional do INES.* Rio de Janeiro: Edição INES, 2002: 37 – 58 (Texto 4)

<http://www.institutoconscienciago.com.br/pdf/ae/ClassifemLIBRASINES2002.pdf>

_____ O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras.

Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso.* V. 8, n. 2, 2013, pp. 67-99. In:

<http://www.revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/14141> (Texto 6)

_____ Descrição da língua de sinais: desafios teóricos e práticos. *Anais do Congresso Internacional do INES.* Rio de Janeiro. 2008: 215-228

http://portalines.ines.gov.br/ines_portal_novo/wp-content/uploads/2014/04/anais_20081.pdf (Texto 7)

_____. Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas

pedagógicas. *Revista Fórum/Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES -- L 25/25 Vol 1* (jan./dez. 2012). Rio de Janeiro. 2012: 7-

22 <https://drive.google.com/file/d/0BwAEnJAISYTTcTh4VXVvWDF0T1k/view>

Bibliografia complementar:

----- *Libras em contexto - Curso Básico – Livro/DVD do Estudante.* Brasília : MEC, 8ª Edição. 2007

Felipe, T.A. Feneis, Grupo de Pesquisa. *Dicionário Virtual da LIBRAS –Versão 2.0.* MEC-CORDE- Acessibilidade Brasil. 2005.

<http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/> (distribuição do CD pelo INES)

Pasta com textos, livros, documentos oficiais e sugestões de leitura para o Trabalho em Grupo: Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil e Ensino Fundamental – 1º Ciclo. Google drive

3. ASPECTOS CLÍNICOS DA SURDEZ E AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ORAL PARA SURDOS

Carga horária: 24 hs

Ementa: O conteúdo desta disciplina proporciona o conhecimento da anatomia do aparelho auditivo e sua importância na audição, levantando possibilidades para a detecção da surdez. Para isso a apresentação dos testes audiológicos (objetivo e subjetivo) e a classificação dos tipos e graus da perda auditiva levarão os alunos ao entendimento clínico sobre a surdez e seu processo de avaliação. Proporcionam também a reflexão sobre o trabalho de L2 – língua portuguesa em sua modalidade oral dentro do contexto bilíngue como também instiga a reflexão a respeito dos usuários da modalidade oral da língua portuguesa como L1. Pretende assim, direcionar o olhar para a importância da utilização das tecnologias para estimulação do potencial residual auditivo e trabalho com as habilidades auditivas para aquisição de língua oral.

Conteúdo programático:

1. Anatomia e fisiologia da audição
2. Prevenção (primária, secundária e terciária)
3. Avaliação Audiológica infantil e adulto
- 3.1. Classificação da perda auditiva (tipos e graus de surdez)
4. Prótese Auditiva
5. Implante Coclear
6. Fundamentos da aquisição da linguagem
- 6.1. Primeira etapa da comunicação – Nível pré-linguístico
- 6.2. Segunda etapa da comunicação – Primeiro nível linguístico
- 6.3. Terceira etapa de comunicação – Segundo nível linguístico
- 6.4. Desenvolvimento fonético-fonológico

- 6.5. Desenvolvimento sintático
- 6.6. Desenvolvimento semântico
- 6.7. Desenvolvimento pragmático
- 7. Desenvolvimento Auditivo – As habilidades auditivas
- 8. O Bilinguismo e a L 2

Bibliografia Básica:

- CORRÊA, J.M – Surdez e os fatores que compõem o método Áudio + visual de linguagem oral para crianças com perda auditiva. Rio de Janeiro: Atheneu.2001
- GOLDFELD, M Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2003
- LACERDA, C.B.F; NAKAMURA H E LIMA, M.C - Fonoaudiologia:Surdez e Abordagem Bilíngue. São Paulo: Plexus.2000
- QUADROS, R. M. Aquisição de linguagem em crianças surdas. *In: Educação de Surdos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- PERDONCINI, G E IVON, I - Comunicação Infantil. Rio de Janeiro: AIPEDA 1996

Bibliografia Complementar:

- BEVILACQUA MC E MORET. A L M - Deficiência Auditiva: Conversando com familiares e profissionais da saúde. São José dos Campos: Pulso.2005
- BEVILACQUA, M.C.; MARTINEZ, M.A.N.; BALEN, S.A.; PUPO, A.C.; REIS, A.C.M.; FROTA, S. Saúde auditiva no Brasil: políticas, serviços e sistemas. São José dos Campos: Editora Pulso, 2010
- DIVISÃO DE AUDIOLOGIA - Serie Audiologia. Instituto Nacional de Educação de Surdos, Edição revisada, 2005
- DIVISÃO DE AUDIOLOGIA - Quando se escuta com os olhos: Um documentário sobre a Surdez e seu Diagnóstico. Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2010

4. SURDEZ E OUTRAS IMPLICAÇÕES SENSORIAIS, MOTORAS E COGNITIVAS
--

Carga horária: 12 hs

Ementa: Implicações psicossociais, linguísticas e cognitivas no processo educacional de crianças com surdez em associação a outros fatores de ordem sensorial, cognitiva e motora; Comunicação em nível pré-simbólico e desenvolvimento das habilidades comunicativas; Formas de comunicação ajustadas ao sistema perceptivo. Necessidades educacionais.

Conteúdo programático:

1. Implicações da surdez em associação a outros fatores de ordem sensorial, cognitiva e motora.
2. Comunicação em nível pré-simbólico.
3. Formas de Comunicação ajustadas ao sistema perceptivo.
4. A escola como um ambiente inclusivo: necessidades educacionais

Bibliografia

GOMES, M. R.; NUNES, L. R.. Desafios na formação de professores para a educação de crianças e jovens surdocegos e aqueles com deficiência múltipla. IN: (Orgs.) NUNES, L. R; PELOSI, Miryam (Org.) ; GOMES, Márcia (Org.) . Um retrato da comunicação alternativa no Brasil: Relatos de pesquisas e experiências volume 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Quatro Pontos/FINEP, 2007.

Bibliografia Complementar:

CORMEDI, M.A. Alicerces de Significados e Sentidos: aquisição da linguagem na surdocegueira congênita. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração Psicologia e Educação). São Paulo. Universidade de São Paulo, 2011

GOMES, M. R. Estudo Descritivo de uma Prática Interativo-Reflexiva para Professores em Formação Inicial: Subsídios para Formação de Professores de Crianças Surdocegas e Aquelas com Deficiência Múltipla. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro; Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, 2006

VIZIM, M. A linguagem: elemento fundante na integração escolar da pessoa com deficiência mental. In: SILVA, S.;VIZIM, M.(orgs) Educação Especial: Múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001, p.163-177.

5. EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

Carga horária: 52 hs

Ementa: Educação bilíngue em seus aspectos políticos, culturais e pedagógicos ; Representações hegemônicas e contra-hegemônicas no universo da surdez; Especificidades linguísticas, culturais e pedagógicas de aprendizes surdos usuários de língua de sinais.

Conteúdo programático:

1. A surdez como diferença linguística e cultural.
2. Os surdos como minoria linguística na sociedade, na escola e na família.
3. Linguagem e identidade.
4. Contextos bilíngues de ensino e interculturalidade.
5. Políticas e planejamentos linguísticos e a educação de surdos
6. O intérprete educacional nos contextos de ensino com aprendizes surdos.
7. Os surdos e a dimensão visual na construção de conhecimentos.
8. Pedagogia visual (Estudos Surdos) e currículo

Bibliografia

FERNANDES, S. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. *Revista "Educação Especial"* v. 22, n. 34, p. 225-236, maio/ago. 2009, Santa Maria. (Disponível em:

<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>)

FREIRE, A. M. F. e FAVORITO, W. Relações de poder e saber na sala de aula: contextos de interação com alunos surdos. In: CAVALCANTI, M. C. & BORTONI-RICARDO, S. M. Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SKLIAR, C. B.. *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre, Mediação, 1999. v. 1e v.2.

SOUZA, R. M. de Situação bilíngüe nacional – os cidadãos surdos. In: INES (org.). *Anais do Seminário Surdez, Cidadania e Educação: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão*, Rio de Janeiro, 1998b

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela B. e CAVALCANTI, Marilda C. *Linguística aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas:SP, Mercado de Letras, 2007.

Bibliografia Complementar:

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, p. 385-418, 1999.

MAHER, T. M. “O dizer do sujeito bilíngüe: aportes da Sociolingüística”. In: *Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngüe para Surdos*, Rio de Janeiro: INES, 1997.

SVARTHOLM, K. Bilinguismo dos surdos. In: SKLIAR, C. (org.) *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre, Mediação, 1999. v. 2.

6. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

Carga horária: 48 hs

Ementa: Aspectos legais sobre o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos: lei e decreto. Reflexões e orientações sobre a prática docente no ensino de LP como L2. Teorias linguísticas, abordagens e métodos de ensino de línguas, em especial, o ensino de L2. Uso dos Objetos de Aprendizagem nas estratégias de ensino de LP como L2. Ensino de LP como L2 com base em gêneros discursivos. Compreensão e produção escrita em LP como L2. Avaliação da produção escrita do aprendiz surdo. Elaboração de material didático para o aprendiz surdo. Questões sobre Letramento na educação de surdos.

Objetivos:

- Compreender o contexto atual da educação bilíngue para surdos.
- Conhecer aspectos legais sobre o ensino de LP como L2 – lei 10.436/2002 e decreto 5.626/2005.
- Conhecer e relacionar as diferentes teorias linguísticas com o histórico de ensino de LP para alunos surdos.
- Desenvolver estratégias de ensino de compreensão e produção textual, com enfoque na dimensão sintática da oração em LP.
- Elaborar material didático pertinente para os diversos níveis de ensino – da Educação Básica ao Ensino Superior.
- Utilizar gêneros textuais como base para o ensino de leitura e produção escrita
- Elaborar métodos de avaliação adequados para o aprendiz surdo.

Reconhecer a dimensão sintática da LIBRAS como ponto de partida para o ensino da LP como L2.

Conteúdo Programático:

1. Aspectos legais: lei 10.436/2002 e decreto 5.626/2005 sobre o ensino de LP como L2.
2. Aspectos linguísticos do ensino de L2.
3. Prática docente no ensino de LP como L2.
4. Objetos de Aprendizagem nas estratégias de ensino de LP como L2.
5. Gêneros discursivos e o Ensino de LP como L2.
6. Compreensão e produção escrita em LP como L2.
7. Avaliação da produção escrita do aprendiz surdo.
8. Elaboração de material didático.
9. Letramento na educação de surdos.

Bibliografia

ALMEIDA, D. L.; SANTOS, G. F. D. e LACERDA, C. B. F. O ensino do Português como segunda língua para surdos: Estratégias Didáticas. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.23, n.3, p.30-57, Set./Dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá

outras providências. Disponível em: <www.mec.gov.br/seesp/legislacao.shtm> Acesso 17 mai 2015.

_____. Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso 17 mai 2015.

BOTELHO, P. Linguagem e letramento na educação de surdos – ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERNANDES, S. Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Curitiba, 2003. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

FERNANDES, S. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.

GONÇALVES, H. B. e FESTA, P. S.V. Metodologia do Professor no Ensino de Alunos Surdos. Ensaio Pedagógico – Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. ISSN 2175-1773, dez 2013.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A. C. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2003.

lima, M. S. C. Algumas considerações sobre o ensino de português para surdos na escola inclusiva. Revista Letra Magna ano 3, n. 5, 2006. p. 1-13

PEREIRA, M. C. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI, A. C. B. et al. Letramento e minorias. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2002. cap. 4.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M. L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, H.M.M.L. et al. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004. Vol. 1.

_____. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004. Vol. 2.

7. MÍDIAS E EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga horária: 28 hs

Ementa: Apresentar as TICs na sociedade, com ênfase dos aspectos contemporâneos das mídias digitais. O conceito de cibercultura (cultura contemporânea específica dos meios digitais) e o planeta conectado através dos artefatos digitais. Tecnologias digitais na fase da web 1.0: predomínio da transmissão-recepção. TICs digitais na fase da Web 2.0 e os conceitos de participação-intervenção, colaboração-coautoria e o ideal da interatividade online. Tecnologias assistivas na surdez: introdução e familiarização com algumas tecnologias para comunicação em Libras, com foco nas de configuração digital. Discussão sobre alguns tipos de TA usados com surdos: sites e softwares com avatares sinalizadores, editores de língua de sinais escrita, tradutores e leitores automáticos de língua de sinais, comunicação em teleconferência. Alfabetismo visual através da leitura de obras de arte, conceitos de design gráfico e construção de materiais didáticos para surdos: introdução com breves exercícios. Uso de imagens e vídeos. O professor como consumidor de mídias. O professor como produtor de mídias *para e com* seus alunos: autoria em formato digital, os recursos educacionais abertos, a autoria com remixagem, abordagem crítica dos conteúdos. Introdução à produção autoral de imagens, textos, vídeos e publicação na web. A disciplina será trabalhada em três tempos: (1) introdução às TICs e conceitos correlacionados, (2) discussão sobre tecnologias e acessibilidade na surdez e (3) introdução aos conceitos de alfabetismo visual e design para a produção de materiais didáticos para surdos.

Conteúdo programático:

1. Introdução ao campo das tecnologias da informação e comunicação (TICs).
 - 1.1. Apresentação expositiva sobre Web 1.0, Web 2.0
 - 1.2. Conceitos de Cibercultura e Interatividade, colaboração e co-autoria.
 - 1.3. Mudanças nos processos de autoria com o advento do digital.
2. Tecnologias assistivas na surdez: introdução e familiarização com algumas tecnologias para comunicação em Libras, com foco nas de configuração digital.

- 2.1. Discussão sobre alguns tipos de TA usadas com surdos: sites e softwares com avatares sinalizadores, editores de língua de sinais escrita, tradutores e leitores automáticos de língua de sinais, comunicação em teleconferência.
3. Alfabetismo visual através da leitura de obras de arte, conceitos de design gráfico e construção de materiais didáticos para surdos com uso de tecnologias digitais: introdução com breves exercícios para uso de imagens e vídeos.
 - 3.1. Oficina de produção com artefatos digitais a partir de conceitos do alfabetismo visual: mapas mentais com texto e imagem, roteirização de vídeos, criação de animação em *stop motion*, publicação em *blog* com descrição textual.
4. Finalização dos trabalhos iniciados.
 - 4.1. Discussão sobre os materiais produzidos com todos os alunos.
 - 4.2. Dúvidas gerais sobre tecnologias na educação de surdos e na educação em geral.

Bibliografia

- AMORIM, Marcelo L. C. Evolução de tecnologia assistiva para surdos no Brasil e no Mundo. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. (Org.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 245-264
- BARROS, M. E. Escrita das línguas de sinais. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 212-237.
- BERSCHI, R. Introdução à tecnologia assistiva. Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil (CEDI), Porto Alegre, 2008. Disponível em: < http://intranet.etb.com.br/arquivos/arquivos_comuns/documentos/INTRODUCAOATECNOLOGIAASSISTIVA.PDF >. Acesso em: 10 abr. 2014.
- DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LEMOS, André. Cibercultura como território recombinate. In: MARTINS, Camila Duprat; CASTRO e SILVA, Daniela; MOTTA, Renata (Org.). Territórios recombinate: arte e tecnologia – debates e laboratórios. São Paulo: Instituto Sérgio Motta, 2007, p. 35-48. Disponível em: < <http://www.com.ufv.br/cibercultura/wp-content/uploads/2014/02/01.-Andr%C3%A9-Lemos-Cibercultura-como-Territ%C3%B3rio-Recombinante.pdf> > Acesso em: 26 fev 2015.
- LEMOS, André. Cibercultura: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Org.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina,

2003; p. 11-23. Disponível em:

<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>

LÉVY, Pierre. A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial? São Paulo, SP: Edições Loyola, 2ª ed. 2004.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRIETCH, Soraia Silva. Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como suporte às atividades diárias de pessoas surdas. Rondonópolis: UFMT, 2012. 45 slides: cor; 25,4 x 19 cm.

SALTO para o futuro. Cibercultura: o que muda na educação. Ano XXI, n. 3, abr. 2011. Disponível em: < <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/212448cibercultura.pdf>>.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? Revista de Computação e Tecnologia, n. 1, v. 2, p. 1-6, out. 2010. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3852/2515>>.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. Revista Ensino Superior Unicamp, v. 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: < <http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>.

SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2004.

SANTOS, Edmea. A informática na educação antes e depois da Web 2.0: relatos de uma docente-pesquisadora. In: RANGEL, Mary; FREIRE, Wendel. (Org.). Ensino-aprendizagem e comunicação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010, p. 107-129. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/230340-A-informatica-na-educacao-antes-e-depois-da-Web-2-0-relatos-de-uma-docente-pesquisadora/>>

SILVA, Marco. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 37, p. 69-74, dez. 2008. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4802>>.

TAVEIRA, Cristiane C. Por uma Didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro. 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2014.

TAVEIRA, Cristiane C.; ROSADO, Luiz A. S. Por uma compreensão do letramento visual e seus suportes: articulando pesquisas sobre letramento, matrizes de linguagem e artefatos surdos. Espaço, Rio de Janeiro, n. 39, p. 27-, jan./jun. 2013.

WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual. 8ª ed. São Paulo: Callis, 1995.

8. ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga horária: 40 hs

Introdução

Com proliferação de acepções do termo cultura se produziu uma série de sentidos e usos distintos para “cultura”. No campo da teoria social, particularmente na Sociologia e na Antropologia, o termo passou por inúmeras transformações desde a clássica definição proposta por E. B. Tylor (1871). Se de um lado, a questão da cultura tornou-se campo de batalha e de afirmação de minorias e, com efeito, serviu para promoção destas minorias e para o enfrentamento das mais variadas formas de dominação, a amplitude do conceito de cultura, sobretudo pela sua dimensão política, incorre no risco de seu esvaziamento enquanto categoria de análise.

Mas afinal, o que se quer dizer quando dizemos “cultura”?

Responder esta pergunta e as questões envolvidas nesta resposta nos leva ao eixo central desta disciplina, posto que busquemos aqui oferecer uma reflexão sobre os múltiplos sentidos do termo cultura e suas diversas aplicações (e implicações). Portanto, pretende-se introduzir uma discussão sobre os sentidos do termo cultura e sua relação com as diversas minorias, considerando as questões étnicas, culturais e de gênero, e no caso em particular desta pós-graduação, a reflexão e o debate em torno de construções culturais acerca da surdez e do bilinguismo, da inclusão e da educação em geral.

Ementa: O conceito de cultura e suas múltiplas acepções e implicações; Cultura e Sociedade: a visão das Ciências Sociais; Natureza e Cultura ou “da natureza da cultura”. A análise da cultura em sociedades complexas. Cultura Popular x Cultura Erudita. Cultura de Massa e Cultura Pop. Cultura e Etnografia. Cultura, Identidade e Poder.

Teorias da Etnicidade e os grupos étnicos. Políticas de identidade e reconhecimento. Multiculturalismo e Educação. Culturas Surdas: uma introdução.

Objetivos:

- Promover uma discussão qualificada acerca do conceito de cultura.
- Permitir um aprofundamento da reflexão sobre o conceito de cultura e seus usos.
- Introduzir as noções de identidade e etnicidade e suas relações com o conceito de cultura,
- Apresentar as inovações teóricas em torno do conceito de cultura,
- Introdução ao debate sobre culturas e identidades surdas.

Bibliografia

- BHABHA, H. K. (2010). O Local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG
- BARTH, F. (2000). O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa
- BENJAMIN, W. (1987). Obras Escolhidas Vol. I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense,
- BOSI, A. (1992). A dialética da colonização. São Paulo: Cia. das Letras
- BOURDIEU, P. (2002) Esboço de uma Teoria da Prática. Oeiras: Celta Editora
- _____. (2007) A Distinção – crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk
- _____. (1987) A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva
- CARNEIRO DA CUNHA, M. (2009). Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify
- CANCLINI, N. G. (1997). Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP,
- _____. (2005). Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ.
- EAGLETON, T. (2005) A Ideia de Cultura. São Paulo: Unesp
- ELIAS, N. (2011) O processo civilizador. Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar
- _____. (1995) Mozart, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar
- _____. (1997) Os Alemães - A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores

- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. (1999). Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores
- FABIAN, J. (2013). O Tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes.
- GEERTZ, C. (1989). A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar
- _____ (1997). O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes
- _____ (2001). Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar
- GONÇALVES, J. R. S. (1996). Obsessão pela cultura. in Paiva, M. & Moreira, M. A. (coord.) Cultura. Substantivo Plural. Rio de Janeiro: CCBB/São Paulo: Editora 34
- GOODY, J. (2012) A domesticação da mente selvagem. Petrópolis: Vozes
- HALL, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A
- _____ (2003). Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG
- HERZFELD, M. (2005). Intimidade Cultural: Poética Social no Estado-nação. Lisboa: Edições 70
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural: Iluminismo como mistificação das massas. In: Dialética do Esclarecimento, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.
- HORKHEIMER, Max. O conceito de Esclarecimento. In: Dialética do Esclarecimento, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.
- KUPER, A. (2002). Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru: SP: EDUSC
- LADD, P. (2013). Em busca da surdidade: Vol. 1. Colonização dos Surdos. Lisboa: Surd'Universo
- LÉVI-STRAUSS, C. (1976). O pensamento selvagem. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- _____ (1976) "Raça e História", in Antropologia Estrutural Dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- SAHLINS, M. (1997) "O 'Pessimismo Sentimental' e a Experiência Etnográfica: Por que a Cultura Não é um 'Objeto' em Via de Extinção". **Mana. Estudos de Antropologia Social** 3 (1): 41-73; **Mana. Estudos de Antropologia Social** 3 (2), 1997: 103-150.
- _____ (2003) Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro: Zahar

SILVA, C.A.S. (2014). Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome

SILVA, T. T. (org.) (2008). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes

_____ (org.) (1999). O que é, afinal, Estudos Culturais. Belo Horizonte: Autêntica

TYLOR, E.B. [1871](2005). A ciência da cultura. In Castro, C. (org.) Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

WAGNER, R. (2010) A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify.

9. METODOLOGIA E PESQUISA CIENTÍFICA

Carga Horária: 40h

Ementa: Metodologia e Pesquisa Científica; Técnicas de Pesquisa; Projeto de pesquisa e suas fases; Coleta, manuseio e análise de dados; Formas de apresentação resultados; Estrutura do Texto Científico; Redação acadêmico-científica: suas características e seu estilo.

Objetivos: Analisar teóricas e técnicas da pesquisa científica; Compreender o significado e a função da pesquisa científica; Identificar as diferentes etapas da produção do conhecimento científico; Discutir e exercitar as principais técnicas de coleta e tratamento de dados; Pesquisar os critérios da redação científica; Redação científica I: construção de um pré-projeto de artigo científico. Redação científica II: Introdução à elaboração de artigo científico.

Conteúdo programático:

1. Unidade 1: ciência e conhecimento científico
 - 1.1. O que é ciência?
 - 1.2. Ciência e Conhecimento
 - 1.3. Tipos de Conhecimento
2. Unidade 2: métodos e metodologia

- 2.1. O que são métodos?
- 2.2. O que é metodologia científica?
- 2.3. Indução e Dedução
- 2.4. Paradigmas
- 2.5. Tipos de Métodos
3. Unidade 3: técnicas de pesquisa
 - 3.1. Pesquisa Social
 - 3.2. Técnicas de pesquisas
 - 3.3. Pesquisa qualitativa
 - 3.4. Pesquisa quantitativa
 - 3.5. Delimitação do tema de pesquisa
 - 3.6. Instrumentos de coleta de dados
 - 3.7. Análise e interpretação de dados
4. Unidade 4: projeto de pesquisa
 - 4.1. Estrutura do texto científico
 - 4.2. Aspectos gráficos
 - 4.3. Normatização e Regras da ABNT
 - 4.4. Elaboração do pré-projeto (artigo científico)
5. Unidade 5: artigo científico
 - 5.1. Características linguísticas e retóricas do gênero artigo;
 - 5.2. Artigo científico: Introdução;
 - 5.3. Artigo científico: Revisão da literatura;
 - 5.4. Artigo científico: Metodologia;
 - 5.5. Artigo científico: Análise e discussão dos resultados;
 - 5.6. Artigo científico: Resumo acadêmico/Abstract.

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa - apresentação. Rio de Janeiro, 2003a.

_____. NBR 6023: informação e documentação: referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2003b.

- _____. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002a.
- _____. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.
- _____. NBR 6028: informação e documentação: resumo - apresentação. Rio de Janeiro, 2003c.
- _____. NBR 15287: informação e documentação - projeto de pesquisa - apresentação, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. NBR 6027/1989: sumário: procedimento. Rio de Janeiro, 1989. _____. NBR 10719: informação e documentação Relatório técnico e/ou científico apresentação. Rio de Janeiro, 2009.
- BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola – o que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. Metodologia científica. 6ª ed. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2006.
- DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOLDENBERG, Mírian. A Arte de Pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 2004
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2006.
- MACHADO, Anna Rachel (coord.). Resumo. São Paulo: Parábola, 2007.
- MACHADO, Anna Rachel (coord.). Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.
- MARTINS, Dileta M. & ZILBERKNOP, Lúbia S. Português Instrumental – de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.
- MASCARENHAS, Sidnei Augusto. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- MEDEIROS, João Bosco. Redação científica; prática de fichamento, resenha, resumo. São Paulo: Atlas, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012
- MOTTA-ROTH, D. & HENDGES, G. R. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola, 2010.

MOTTA, Valter T., HESSEIN, Ligia Gonçalves & GIALDI, Silvestre. Trabalhos científicos: definição e estrutura. In: —. Normas técnicas para apresentação de trabalhos científicos. Porto Alegre: Editora Médica Missau, 2002.

NUNES, Antônio Rizzatto. Manual da monografia jurídica. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

OLIVEIRA, J. L. de. Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2005.

PAIXÃO, L.; FERNANDES, L. M.; BASTOS, L. R. Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SALVADOR. Ângelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Livraria Editora Sulina, 2000.

SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, José Maria da Silva; SILVEIRA, Emerson Sena. Apresentação de trabalhos acadêmicos. Normas técnicas. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

10. SEMINÁRIOS DIDÁTICOS: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Carga horária: 52 hs

Ementa: Esta disciplina pretende abordar aspectos relativos a diferentes práticas pedagógicas em contexto bilíngue ; dinâmicas linguísticas entre professores ouvintes e alunos surdos em atuação na sala de aula e recursos didáticos bilíngues nas áreas de Leitura e Escrita em L2, Ciências, Matemática, Geografia ..

Conteúdo programático:

1. Ensino de Matemática nas séries iniciais;
2. Habilidades de Leitura e Escrita em L2 nas séries iniciais
3. Ensino de Ciências para surdos
4. Atlas Geografico Bilíngue

Bibliografia

COUTINHO, Maria Dolores. Educação Matemática e Surdez, um diálogo necessário. Revista Espaço. n.37. Rio de Janeiro. Instituto Nacional de Educação de Surdos Jan/jun. 2012.

FERNANDES, Sueli. É possível ser surdo em Português? Língua de Sinais e escrita: em busca de uma aproximação. IN: SKLIAR, C. B. (ORG). Atualidades da educação bilíngue para surdos. Vol.2 . Porto Alegre. Mediação, 1999

FLORES, Ana Claudia da Fonseca, Espaço de Ciências do 1º Segmento do Ensino Fundamental – EspCie1. Arqueiro, vol.21-INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos; p.33-42 (jan/jun), 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Atlas Geográfico Interativo Bilíngue: Libras/Portugues. DVD –ROM. 2008.